

SE TOCA: PROMOVENDO DIÁLOGOS E ORIENTAÇÕES SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE NAS ESCOLAS PÚBLICAS E REDES SOCIAIS

CAREN CARARO TEIXEIRA¹; ANA LAURA SICA CRUZEIRO SZORTYKA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – carenteixeira.acad@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – alcruzeiro@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A PeNSE (Pesquisa Nacional de Saúde Escolar) de 2019 revelou que 35,4% dos estudantes de 13 a 17 anos já tiveram relação sexual. Entre os meninos, esse percentual é de 39,9%, enquanto nas meninas é de 31,0%. Entre os adolescentes que já tiveram relação sexual, 36,6% relataram ter tido sua primeira experiência aos 13 anos ou menos. A pesquisa também indicou que, nesse grupo etário, os meninos foram os que iniciaram mais precocemente (44,7%), assim como os estudantes da rede pública (37,4%) (IBGE, 2021). Além disso, revelou também que 20,1% das estudantes de sexo feminino de 13 a 17 anos já sofreram algum tipo de violência sexual, como toques ou exposições não consensuais, e 9% dos estudantes do sexo masculino também sofreram, o que significa que uma em cada 5 meninas de 13 a 17 anos já sofreu algum tipo de violência sexual.

Se tratando da gravidez na adolescência, no ano de 2023 no Brasil, 13.932 bebês nasceram de mães adolescentes entre 10 e 14 anos e 289.093 nasceram de mães entre 15 e 19 anos, além disso, esses dados mostram apenas o número de bebês nascidos vivos (DATASUS, 2023). E a gravidez é um dos maiores motivos de evasão escolar no Brasil, com grande parte das adolescentes não retornando à escola, mesmo após o nascimento dos filhos (IBGE, 2020).

Quando o assunto é diversidade, segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2024), em 2023, houve 4.241 registros de crime contra pessoas LGBTQI+, desses 3.673 foram casos de lesão corporal dolosa, 214 foram homicídio doloso e 354 foram crimes de estupro. Além disso, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, relata que 3.858 mulheres foram mortas de forma violenta no Brasil em 2021, o que representa que por dia, mais de 10 mulheres perdem suas vidas por conta do machismo no país (IPEA, 2023).

Os dados apresentados acima, são uma maneira de trazer objetivamente a importância dessas discussões, e compreendendo que as escolas são importantes locais de aprendizado, e onde adolescentes passam grande parte do seu tempo, o ambiente escolar é ideal para promover e prevenir questões relacionadas à saúde, além de abordar sexualidade, gênero e diversidade, contribuindo para a formação de hábitos e comportamentos mais saudáveis (FAIAL et al., 2016). E, mesmo esses sendo temas tão importantes de serem abordados nas escolas, ainda existe bastante tabu no que se refere a eles, e percebe-se receio dos professores em tratar temas considerados "polêmicos", bem como a falta de preparo para discutir essas questões com os alunos (DA SILVA et al., 2017), no próprio projeto recebeu-se diversas recusas de escolas por medo da reação dos pais, o que leva a entender que as famílias podem evitar focar nesses assuntos em casa, devido ao tabu atrelado a eles, e ainda que se proponham a discutir esse tema com os adolescentes, não há garantias que as informações que estão sendo transmitidas são informações científicas e de qualidade, tanto por parte dos familiares, quanto dos professores.

Para além da escola, a internet é o local onde muitos adolescentes buscam informações sobre a sexualidade para sanar suas dúvidas, e isso pode levar a uma

compreensão distorcida das relações sexuais (TELES et al., 2022; PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2000). Por conta disso, o projeto tem por objetivo promover diálogos e orientações sobre gênero e sexualidade nas escolas públicas e redes sociais.

2. METODOLOGIA

O projeto de extensão “SE TOCA” do curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas acontece de duas maneiras, nas escolas públicas de Pelotas de maneira presencial, e online, nas redes sociais. O projeto busca ativamente por escolas para a atuação, se a escola aceitar a participação do projeto, ele é realizado com adolescente a partir de 12 anos, com duração de 4 encontros, que acontecem semanalmente e onde são abordados os temas: Educação menstrual; Informações sobre o fornecimento de produtos de higiene menstrual pelo SUS; Anatomia genital; Preservativos e métodos contraceptivos e onde conseguir; Proteção sexual entre pessoas do mesmo sexo; Profilaxia pré e pós exposição (PrEP e PEP) e onde procurar; Diferença entre identidade de gênero, orientação sexual, e sexo; IST's (Infecções sexualmente transmissíveis); HIV (Vírus da imunodeficiência humana); AIDS (Síndrome da imunodeficiência adquirida); Violência sexual e consentimento e contatos para denúncia; Pornografia; Objetificação do corpo feminino; Vacina para HPV, entre outros.

Os assuntos são abordados através de slides que direcionam o tema dos encontros, é aberto um espaço para que os adolescentes tirem suas dúvidas, e também é disponibilizado um papel para que façam perguntas de forma anônima caso não se sintam à vontade para falar. Além dos slides, utiliza-se também outros materiais para exposição, como os órgãos genitais, onde se mostra e explica a anatomia de forma mais imersiva, e os diferentes métodos contraceptivos, como preservativos, DIU e as formas de utilizar.

Durante os encontros nas escolas, sempre é compartilhado o Instagram do projeto SE TOCA ([@setoca.ufpel](https://www.instagram.com/setoca.ufpel/)), para que os alunos e professores tenham acesso à informação de qualidade, e possam acessar os conteúdos trabalhados nos encontros sempre que quiserem recordar algo. Além disso, seguindo à página do projeto, podem ter acesso à todas as novas informações que o projeto vai compartilhando a medida em que se apropria de novos temas.

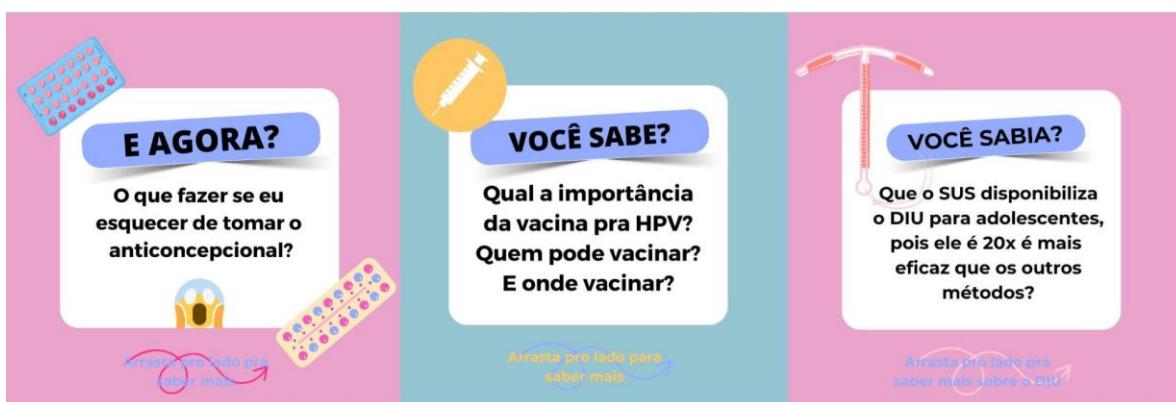


Figura 1: Exemplos de publicações feitas pelo Instagram @setoca.ufpel



3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

Ainda não foi encontrada uma forma objetiva de mensurar os resultados e impactos obtidos com o projeto, mas é possível perceber a imprescindibilidade de debater esses temas, quando se observa dados tão alarmantes que preocupam com relação à saúde e segurança dos adolescentes brasileiros.

Dessa forma, o projeto se faz indispensável para disponibilizar aprendizado e informações de qualidade, em um ambiente que tem por objetivo o ensino e a formação dos adolescentes. Com ele, é possível prevenir gravidez indesejada, infecções sexualmente transmissíveis, câncer de colo de útero e outros causados por HPVs, violências contra mulheres e LGBTQIAP+, falta de informação ou informações errôneas disponibilizadas na internet e pornografia, abusos sexuais, preconceitos, e possibilita uma educação sexual que leve em consideração não só o bem estar do homem, mas também o das mulheres, para que sejam cada vez menos objetificadas e mortas.

O projeto se mostrou relevante para disponibilizar informações importantes, sendo constantemente atualizado com conteúdos que se mostrem necessários, e além de sanar as dúvidas dos adolescentes nas escolas, também permite o fácil acesso nas redes sociais, já que essas podem auxiliar muitos adolescentes a preencherem lacunas no seu conhecimento sobre sexualidade, e o auxílio de um profissional é importante para direcionar fontes e informações confiáveis (STRASBURGER; BROWN, 2014).

Para os extensionistas do projeto, ele também se mostrou bastante significativo, já que os conteúdos estudados, não são divulgados e de fácil acesso a todos. Como futuros psicólogos, o projeto se mostrou extremamente relevante na formação profissional, pois, independentemente da área de atuação escolhida, ainda que não se tenha contato diretamente com adolescentes, possivelmente terá contato com pais e familiares, e o compartilhamento dessas informações poderá se mostrar importante em diferentes âmbitos da vida profissional e até mesmo pessoal, ao compartilhar o conteúdo com seus próprios amigos e familiares, e ao usar o conhecimento em prol de sua própria saúde e comportamentos saudáveis.

4. CONSIDERAÇÕES

O projeto “SE TOCA” tem grande potencial em sanar as dúvidas dos adolescentes e levar informação de qualidade com relação a sexualidade, saúde, autoconhecimento e a diversidade. Informações que contribuem para mudar e prevenir comportamentos sexuais de risco, além de minimizar efeitos maléficos da desinformação e discriminação. Dessa forma, possibilitando mais acesso à saúde, qualidade de vida, permanência na escola e igualdade de gênero.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DA SILVA, R. R. et al. Educação em saúde na escola: experiência exitosa na prevenção das infecções sexualmente transmissíveis. **Cadernos Ibero-Americanos de Direito Sanitário**, v. 6, p. 199-207, 2017.

DATASUS. Nascidos Vivos – Brasil. Tecnologia da Informação a Serviço do SUS: 2023. Acessado em 09 out. 2024. Online. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>

FAIAL, L. C. M. et al. A escola como campo de promoção à saúde na adolescência: revisão literária. **Rev Pró-Uni**, v. 7, n. 2, p. 22-29, 2016.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2024.

IBGE, Agência de notícias. **PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio.** Estatísticas Sociais, IBGE, 2020. Acessado em 09 out. 2024. Online. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>

IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Acessado em 09 out. 2024. Online. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/educacao/9134-pesquisa-nacional-de-saude-do-escolar.html>

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas 2023: Violência contra a mulher.** São Paulo: Atlas de violência, 2023. Acessado em 09 out. 2024. Online. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/276/atlas-2023-violencia-contra-mulher>

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D.. **Desenvolvimento humano.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

STRASBURGER, V. C.; BROWN, S. S. Sex Education in the 21st Century. **JAMA-JOURNAL OF THE AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION, EUA**, v. 312, n.2, p. 125-126, 2014.

TELES, W. S. et al. Educação Sexual para estudantes do Ensino Médio: percepções, lacunas e possibilidades. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 5, p. e2111527888-e2111527888, 2022.